

Sermão do Mandato

Padre António Vieira

Concorrendo no mesmo dia o da Encarnação. Ano de 1655.
Pregado na Misericórdia de Lisboa, às 11 da manhã.
Sciens quia a Deo exivit, et ad Deum vadit: Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos (1).

§I

No ano presente concorrem e se ajuntam no mesmo dia os dois maiores mistérios e os dois maiores dias: o dia da Encarnação do Verbo e o dia da partida do mesmo Verbo Encarnado. O que dizem os dias e o que declaram as noites. A competição do Amor divino consigo mesmo e a justa dos gigantes. Argumento do sermão: foi maior o amor de Cristo no dia da Encarnação ou no dia da partida?

Grande dia! Grande amor! Depois que o Eterno se fez temporal, também o amor divino tem dias. O evangelista S. João querendo-nos declarar a grandeza e grandezas do mesmo amor neste dia, a primeira coisa que ponderou, com tão alto juízo como o seu, foi ser um dia antes de outro dia: *Ante diem festum Paschae* (2). Tanto pode acrescentar quilates ao amor a reflexão ou circunstância dos dias! E que farei eu? Dois dias hei de combinar também hoje, mas não o dia de antes com o dia de depois, senão o dia de depois com o dia de antes; e não livremente ou por eleição própria e minha, senão por obrigação forçosa dos mesmos dias. Assim como depois de longo círculo de anos se encontram e ajuntam dois planetas a fazer uma conjunção magna, assim no ano presente concorrem e se ajuntam hoje no mesmo dia os dois maiores mistérios e os dois maiores dias: o dia da Encarnação do Verbo, e o dia da partida do mesmo Verbo encarnado. O dia da Encarnação do Verbo: *Sciens quia a Deo exivit* (3) - que foi o princípio com seu amor para com os homens: *cum dilexisset suos* (4) - e a partida do mesmo Verbo encarnado: *Et ad Deum vadit* (5) - que foi o fim sem fim do mesmo amor: *In finem dilexit eos* (6).

O real profeta Davi, antevendo em espírito estes dois dias, diz que o dia de hoje fala com o dia da Encarnação, e o dia da Encarnação com o dia de hoje, e que ambos se entendem entre si, e se respondem um ao outro: *Dies diei eructat verbum* (7). Assim explica este famoso texto Santo Agostinho (8). E se perguntarmos que é o que falam estes dias, que devem de ser coisas muito dignas de se ouvir e saber, responde o mesmo Davi que as noites dos mesmos dias nos dirão e declararão o que eles falam: *Dies diei eructat Verbum, et nox nocti indicat scientiam* (9). Pois as noites, que são escuras, nos hão de declarar o que dizem os dias? Sim. Porque os mistérios do dia de hoje, e do dia da Encarnação, ambos se celebraram nas noites dos mesmos dias. Tanto silêncio e reverência era devido à majestade de tão divinos mistérios! Os do dia da Encarnação de noite: *Cum quietum silentium contineret omnia, et nox in suo cursu medium iter haberet* (10) - e os do dia de hoje também de noite: *Et coena facta* (11). As luzes a que se há de ver toda esta famosa representação são as da fé; os lugares, um cenáculo grande em Jerusalém, e uma casa humilde, mas real, em Nazaré. E a questão ou problema, qual será? Se foi maior o amor de Cristo no dia da Encarnação ou no dia de hoje.

Posto, pois, um dia defronte do outro dia, e um mistério à vista de outro mistério, e um amor competindo com outro amor, é certo que nunca o amor divino se viu em mais glorioso teatro, pois sai a competir consigo mesmo. Nas outras comparações do amor divino com o amor dos homens, ou seja com o amor dos irmãos, ou com o amor dos pais, ou com o amor dos filhos, ou com o amor dos esposos, ou com o amor dos amigos - que deve ser o maior de todos ainda que saia vencedor o amor de Cristo, sempre fica agravado na vitória, porque entra afrontado na competência. Só hoje, se vencer, será vencedor glorioso, porque tem competidor igual, e se vencerá a si mesmo. Quando Davi saiu a desafio com o gigante, mediu-lhe o gigante com os olhos a estatura, e, posto que não duvidava da vitória, na desigualdade de tão inferior combatente teve por injuriosa a batalha. Do mesmo modo, e com mais verdade, Cristo. Quando o seu amor se compara com outro amor, compete o gigante com Davi; mas quando se compara o amor de Cristo com o amor do mesmo Cristo, como fazemos hoje, é competir o gigante com o gigante. Assim o disse ou cantou o mesmo Davi: *Exultavit ut gigas ad currendam viam* (12). Entrou Cristo na estacada como gigante. E que fez? Justou consigo mesmo. A primeira carreira foi do céu para a terra: *A summo caelo egressio ejus* (13); a segunda carreira foi da terra para o céu: *Et occursus ejus usque ad summum ejus* (14); e neste encontro se cerrou a justa, e se quebraram as lanças um e outro amor. É em verso de Davi o mesmo que diz a prosa do nosso Evangelho. A primeira carreira: *A summo caelo egressio ejus* - foi no dia da Encarnação, quando o Verbo saiu do Padre: *a Deo exivit*; a segunda carreira: *Et occursus ejus usque ad summum ejus* - foi no dia de hoje, quando o mesmo Verbo tornou para o Padre: *Et ad Deum vadit*. Na primeira carreira, amor: *Cum dilexisset suos* (15); e na segunda também amor: *In finem dilexit eos* (16). O *dilexisset* e o *dilexit* distingue os dias: o *dilexisset* declara um amor, e o

dilexit outro; mas nem juntos, nem divididos sinalam a vitória, nem resolvem qual foi maior. Esta famosa decisão entre os maiores combatentes que jamais se viram, havemos de ver hoje. Assistir-nos-á com a graça quem foi presente em um e outro dia, e quem teve a maior parte em um e outro mistério, que foi a Mãe do mesmo amor: *Mater pulchrae dilectionis* (17). Mas como invocaremos seu favor e patrocínio? Com as mesmas palavras com que também hoje a invocou o anjo: *Ave gratia plena*.

§ II

O amor de Cristo quanto à substância e quanto aos efeitos. Os extremos do amor de Cristo no dia da Encarnação e no dia da partida. Comparando-se os efeitos Deuses dois dias, afirma o autor que maiores foram os extremos do dia da partida que os do dia da Encarnação.

Cum dilexisset, dilexit.

Nestas palavras - como dizia - deixou o Evangelista indecisa a nossa questão, porque não disse: como amasse mais amou menos, nem como amasse menos amou mais, senão como amasse amou. Distinguiu somente os tempos, e pelos tempos o amor, sem preferência porém, ou vantagem nem do amor passado ao presente, nem do presente ao passado. Falou S. João como divino teólogo, e não só como quem tecia a história, mas como quem compunha o panegírico do amor de Cristo. Quanto à substância do amor, Cristo, Senhor nosso, tanto nos amou no dia da Encarnação, como no dia de hoje, e em todos os dias da sua vida, porque o seu amor é amor perfeito, e não fora seu, se assim não fora. O amor dos homens, ou mingua, ou cresce, ou pára; o de Cristo nem pode minguar, nem crescer, nem parar, porque é, foi, e será sempre amor perfeito, e por isso sempre o mesmo, e sem alteração nem mudança. Ama Cristo enquanto homem, como ama enquanto Deus. Perguntam os teólogos: como ama Deus a uns mais e a outros menos, se o seu amor - o qual se não distingue da sua essência - é sempre um só e o mesmo, infinito, simplicíssimo e imutável? E respondem que a diferença ou desigualdade não está no amor, senão nos efeitos, porque a uns sujeitos faz Deus maiores bens que a outros. Os homens amamos os objetos pelo bem que tem: Deus ama-os pelo bem que lhes faz. E assim como julgamos a maioria do amor de Deus belos efeitos, assim havemos de julgar também a do amor de Cristo. Este é o fundamento sólido e certo sobre que excitamos a nossa questão, e estes os termos de igual certeza, com que a havemos de resolver. Nem daqui deve inferir ou cuidar a rudeza do nosso entendimento que seria menos afetivo, ou menos amoroso, este modo de amar de Cristo, porque assim como em Deus o fazer o bem se chama amor efetivo, e o querê-lo fazer amor afetivo, assim no amor de Cristo os afetos foram a causa dos efeitos que veremos, e os efeitos a demonstração dos afetos.

Vindo, pois, aos efeitos e demonstrações de um e outro amor no dia de hoje e no dia da Encarnação, parece que assim no número, como no modo, os esteve medindo e proporcionando o mesmo amor, que neles se quis igualar e vencer. O Concílio Niceno, no Símbolo da Fé, ponderando o amor de Cristo na Encarnação, reduz os efeitos dele a dois extremos: descer do céu e fazer-se homem: *Qui propter nos homines, et propter nostram salutem descendit de caelis. Et incarnatus est ex Maria Virgine, et homo factus est* (18). Isto diz o Espírito Santo no Concílio, falando do dia da Encarnação. E falando do dia de hoje, que é o que diz e pondera o mesmo Espírito Santo no Evangelho? Outros dois efeitos e outros dois extremos: lavar os pés aos homens, e deixar-se no Santíssimo Sacramento: *Et coena facta, coepit lavare pedes discipulorum* (19). Supostos de uma e outra parte este par de extremos, uns e outros não só admiráveis mas estupendos, comparando-se o amor de Cristo, e competindo-se em uns e outros, que diremos ou que podemos dizer? Sem temeridade nem temor, digo e afirmo que maiores foram os extremos do dia de hoje que os do dia da Encarnação. E por quê? Porque, se no dia da Encarnação foi grande extremo de amor descer Deus do céu à terra: *Descendit de coelis* - muito maior extremo foi no dia de hoje lavar Cristo os pés aos homens: *Coepit lavare pedes discipulorum*. E se foi grande extremo de amor no dia da Encarnação fazer-se Deus homem: *Et homo factus est* - muito maior extremo foi no dia de hoje deixar Cristo seu corpo no Sacramento para que o comessem os homens, como fez na Ceia: *Et coena facta*. - Estes serão os dois pontos do nosso discurso, em que ele descobrirá muito mais do que aparece no que está dito.

§ III

Estranheza da exclamação de Jacó quando viu em sonhos aquela famosa escada que chegava da terra até o céu, pela qual subiam e desciam anjos. Como se há de entender o dito de Davi, quando afirma que Deus tinha feito o homem pouco menor que os anjos. O estupendo prodígio que fez Deus por amor de el-

rei Ezequias em benefício de sua saúde, e o prodígio da Encarnação.

Tão grande e tão prodigiosa coisa foi descer Deus em Pessoa do céu à terra que, visto de muito longe este mistério, não só causava admiração e espanto ao entendimento, mas horror e assombro à mesma fé. Viu Jacó em sonhos aquela famosa escada que chegava da terra até o céu, pela qual subiam e desciam anjos, encostado e inclinado Deus no alto dela, e, assombrado do que via, acordou com um grito, dizendo: *Terribilis est locus iste* (Gen. 28, 17)! Ó que terrível, ó que temeroso lugar! - De vários modos se costuma ponderar a estranheza deste dito. Eu só noto que nem a vista podia causar horror, nem a novidade espanto. O que só poderia causar horror a Jacó era ver que os que subiam e desciam fossem somente anjos, e que nem ele, que estava no baixo da escada, subisse, nem Deus, que estava no alto, descesse, com que se demonstrava uma grande separação entre Deus e o homem, como aquela de que disse Abraão ao avarento: *Inter nos et vos chaos magnum firmatum est* (20). E posto que hoje esta apreensão seria para nós de grande horror, porque sabemos o contrário, naquele tempo nem podia causar horror pela vista, nem espanto pela novidade, como dizia, porque tudo o que Jacó viu, e tudo o que mostrava significar o que via, era o mesmo que ele e os demais supunham. Até o tempo de Jacó, e ainda depois, no tempo da lei escrita, nunca Deus prometeu aos homens o céu, senão tudo prêmios da terra. E daqui nasceu aquela parêmia ou provérbio: *Caelum caeli Domino; terram autem dedit Filiis hominum* (21): que o céu era para Deus, e a terra para os homens. Logo não se podia assombrar nem espantar Jacó de que ele, sendo homem, e estando na terra, não subisse pela escada, e, muito menos, de que Deus, sendo Deus, e estando no céu, não descesse. Pois, se Jacó não tinha que admirar nem que estranhar no seu sonho, de que acordou com tanto horror e tão notável assombro?

Acordou assombrado Jacó, não do que vira, senão do que na mesma visão Deus lhe revelara. Revelou Deus a Jacó que naquela escada era significado o mistério altíssimo da Encarnação do Verbo, e que para ele, Jacó, os outros homens poderem subir ao céu, ele, Deus, havia de descer do céu à terra: *Qui propter nos homines, et propter nostram salutem descendit de caelis* (22). E vendo Jacó que a majestade suprema de Deus, deixando do modo que o podia deixar o trono do empíreo, havia de descer em pessoa do céu à terra, a revelação desta estupenda novidade, que nunca entrou na imaginação humana, lhe causou no mesmo sono tal horror e assombro, que acordou tremendo e gritando: *Terribilis est locus iste* (23)! Duas coisas viu Jacó no que viu, que muito e com muita razão lhe assombraram, não a vista, senão o entendimento. E quais foram? A primeira que, sendo a escada para descer Deus, a descida era muito maior que a subida. Pois a descida maior que a subida? Sim. Porque a escada chegava da terra ao céu, que é distância limitada, e a descida era de Deus ao homem, que é distância infinita. E vendo unir dois extremos infinitamente distantes, quem, ainda estando muito em si, não ficaria atônito e assombrado? A segunda causa, e não menor, do mesmo assombro, foi que por meio da Encarnação do Verbo, assim revelada a Jacó, vinha a conseguir muito mais o menor anjo do que a soberba de Lúcifer tinha afetado. Porque Lúcifer quis ser igual a Deus, e fazendo-se Deus homem, ficava Deus por este lado sendo inferior ao menor anjo. Este foi o grande mistério - diz Santo Agostinho - por que os anjos da escada uns desciam, outros subiam. Como Deus estava no alto da escada, e Jacó ao pé dela, os anjos que ficavam da parte de Deus desciam, e os que ficavam da parte de Jacó subiam, e este subir e descer não era ato ou movimento da vontade dos mesmos anjos, senão ordem e constituição da sua própria natureza. Os da parte superior da escada, onde estava Deus, desciam, porque todos os anjos são muito inferiores a Deus; e os da parte inferior, onde estava Jacó, subiam, porque estes mesmos são muito superiores ao homem. E como os anjos são superiores ao homem, e Deus não havia de tomar a natureza angélica, senão a humana, isto era o que assombrava a Jacó, e lhe parecia coisa terrível: que Deus houvesse de descer, e abater-se tanto, que ficasse por esta parte muito inferior a qualquer anjo.

Lá disse Davi que Deus tinha feito ao homem pouco menor que os anjos: *Minuisti eum paulo minus ab angelis* (Sl 8, 6). Mas isto se entende no domínio, e não na natureza, porque deu Deus a Adão o senhorio e império de todos os animais da terra, do mar e do ar, como logo declarou o mesmo profeta: *Minuisti eum paulo minus ab angelis; gloria et honore coronasti eum; et constituisti eum super opera manuum tuarum. Omnia subiecisti sub pedibus ejus, oves et boves, insuper et pecora campi, volucres caeli, et pisces maris* (24). De maneira que no domínio e uso de todas as coisas criadas para serviço seu nos três elementos, é o homem pouco menor que os anjos; porém, no ser e nobreza natural, não só quanto à parte do barro, em que aparentamos com os brutos, senão ainda quanto à parte espiritual da alma e suas potências, em que imitamos a natureza angélica, não é o homem pouco menor, senão muito menor e muito inferior a qualquer anjo, e tanto quanto for de mais superior hierarquia. A escada de Jacó tinha nove degraus, que são as nove ordens de criaturas racionais que há entre Deus e o homem, as quais por outro nome chamamos nove coros dos anjos, e todos estes degraus desceu Deus, e os deixou e passou por eles, para se unir com a natureza humana, que jazia em Jacó, abaixo de todos.

É o que ponderou S. Paulo naquelas palavras: *Nusquam angelos apprehendit, sed semen Abrahae apprehendit* (25), cujo fundo e energia não acho tão declarada nos expositores como ele pede. Dizem que *nusquam* é o mesmo que *nunquam* ou *nequaquam*, mas *nusquam* não é simples negação, nem advérbio

de tempo, senão de lugar, e propriamente quer dizer: em nenhuma parte. Pois, por que diz S. Paulo que não tomou Deus a natureza angélica em nenhuma parte, *nusquam*? Porque tinha Deus nove partes em que a tomar: três na primeira hierarquia, três na segunda e três na terceira. E essa foi a maravilha do mistério da Encarnação, que por tomar Deus a natureza humana, deixasse em tantas partes a angélica. Na primeira hierarquia deixou serafins, querubins, tronos; na segunda deixou potestades, principados, dominações; na terceira deixou virtudes, arcanjos, anjos; e no homem, que era o décimo, último e ínfimo lugar, onde jazia Jacó, ali tomou a nossa natureza caída, para a levantar, e enferma, para lhe dar saúde, que foi o fim para que tanto se abateu e desceu. Estando el-rei Ezequias mortalmente enfermo, prometeu-lhe o profeta Isaías a vida em nome de Deus; e em testemunho de que a promessa era divina, deu-lhe, por sinal no céu, que o sol tornaria atrás dez linhas, ou dez degraus, e assim sucedeu: *Et reversus est sol decem lineis per gradus quos descenderat* (26). E por que tornou o sol atrás dez linhas, ou dez degraus, e não onze, ou nove, senão dez, nem mais nem menos sinaladamente? Porque naquele prodígio, verdadeiramente grande, se significava outro maior, que era o da Encarnação do Verbo, na qual, assim como o sol, estando no zênite - que não podia ser de outra sorte - tornou atrás dez linhas, até se pôr nos horizontes da terra, assim Deus, desde o mais alto de sua majestade infinita, desceu outras dez linhas até se pôr na última e ínfima da natureza humana, e assim como fez aquele estupendo prodígio por amor de Ezequias, e em benefício da sua saúde, assim obrou o da Encarnação muito mais estupendo, por amor dos homens e para saúde dos homens: *Qui propter nos homines, et propter nostram salutem descendit de caelis, et incarnatus est*.

§IV

O pasmo e o horror dos discípulos de Cristo no Cenáculo. O assombro de Jacó e a reverência de Pedro. Quando se fez Deus homem e quando se fez servo? As duas metáforas ou comparações de São Paulo. Por que diz o apóstolo do terceiro céu que quando Cristo se fez servo não cuidou nem teve para si que a sua divindade não era sua?

Isto é o que neste dia se obrou em Nazaré. Mudemos agora a cena, e ponhamo-nos no Cenáculo de Jerusalém, e veremos com quanta maior razão se pode dizer daquele lugar: *Terribilis est locus iste* (27)! Despe-se Cristo das roupas exteriores, cinge-se com uma toalha, deita água em uma bacia com suas próprias mãos: entende-se destas ações, que quer lavar os pés aos discípulos. E qual foi, com esta vista, o assombro, o pasmo, o horror com que as mesmas paredes do Cenáculo parece que tremiam? Não estava aqui Jacó, mas estava Pedro, o qual mais fora de si que no Tabor, exclamou, dizendo: *Domine, tu mihi lavas pedes* (Jo 13, 6)? Vós, Senhor, a mim lavar os pés? - Eternamente não consentirei tal coisa: *Non lavabis mihi pedes in aeternum* (Jo 13, 8). Já neste primeiro movimento se vê quanto vai de dia a dia, e de mistério a mistério. Comparai-me a S. Pedro com Jacó. Jacó, depois que viu a escada, e que Deus havia de descer por ela, desejava sumamente que descesse, e enquanto tardava a vir, lhe parecia uma eternidade: *Donec veniret desiderium collium aeternorum* (28). Pelo contrário, Pedro, vendo que Cristo lhe quer lavar os pés, não sofre nem consente em tal ação, antes diz resolutamente que a não consentirá por toda a eternidade: *Non lavabis mihi pedes in aeternum*. - Se isto era amor e reverência de Cristo em Pedro, também Jacó o reverenciava e arnava muito. Pois, se Jacó deseja que Deus desça e se abata a se fazer homem, por que não consente Pedro que se abata a lhe lavar os pés? Por isso mesmo. Porque tanto vai de um abatimento a outro abatimento. Encarnar Deus, era fazer-se homem; lavar os pés aos homens era fazer-se servo; encarnar era vestir-se da nossa humanidade; fazer-se servo dos homens era despir-se da sua divindade.

Não me atrevera a dizer tanto se S. Paulo o não tivera dito, e ainda muito mais. É passo muitas vezes ouvido, mas que terá que explicar até o fim do mundo: *Qui cum in forma Dei esset, non rapinam arbitratus est esse se aequalem Deo, sed semetipsum exinanivit formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus, et habitu inventus ut homo* (29). Quer dizer: que sendo o Verbo Eterno igual ao Padre em tudo, se fez, e se desfez. Se fez porque, sendo Deus, se fez homem: *In similitudinem hominum factus, et habitu inventus ut homo*; e se desfez porque, sendo Deus e homem, se fez servo, e, fazendo-se servo, se desfez e aniquilou a si mesmo: *Exinanivit semetipsum, formam servi accipiens*. Agora pergunto: quando se fez Deus homem, e quando se fez servo? Fez-se homem na Encarnação, e fez-se servo no lavatório dos pés. Logo, na Encarnação se fez e no lavatório se desfez. Muitos autores entendem todo este texto só da Encarnação, e que o fazer-se Deus homem foi juntamente fazer-se servo. Mas esta interpretação é imprópria, por não dizer injuriosa à natureza humana. O ser homem é indiferente, ou para ser servo ou para ser senhor; e Cristo, enquanto homem, não só foi Senhor, senão grande Senhor. Assim o disse o anjo no mesmo dia da Encarnação, anunciando que, enquanto Deus, seria Filho do Altíssimo, e, enquanto homem, herdeiro do cetro de seu pai Davi. Nesta suposição falou sempre o mesmo Cristo: *Non est servus major domino suo. Si me persecuti sunt, et vos persequentur* (30); e hoje, depois do mesmo ato do lavatório: *Vos vocatis me Magister et Domine, et bene dicitis: sum etenim* (31). Nem encontram, antes

confirmam esta distinção as mesmas palavras de São Paulo, as quais dizem que tomou o Senhor a forma de servo, não fazendo-se, senão feito homem: *Formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus* - porque, feito homem na Encarnação, tomou a forma de servo, lavando os pés aos homens. Expressa e esquisitamente Dioniso Alexandrino: *Jesus Christus, Dominus et Deus apostolorum, cum accipisset, formam servi, surgit a coena, et ponit vestimenta sua, et linteo praecinxit se: haec est forma servi*. A baixeza do servo não é obra ou injúria da natureza, senão da fortuna. A natureza a todos os homens fez iguais: a fortuna é a que fez os altos, os baixos e os baixíssimos, quais são os servos. E esta foi a fineza do amor de Cristo hoje sobre a do dia e obra da Encarnação. Quando se fez homem tomou as condições da natureza; quando se fez servo e lavou os pés aos homens, tomou as baixeiras da fortuna. Aquilo foi fazer-se, e isto desfazer-se: *Exinanivit semetipsum, formam servi accipiens*.

Com duas comparações ou metáforas, declara S. Paulo este fazer-se e desfazer-se: com metáfora da roupa que se veste e se despe, e com metáfora do vaso que se enche e se vaza. Com metáfora da roupa que se veste e se despe: *Habitu inventus ut homo* (32); com metáfora do vaso que se enche e vaza: *Exinanivit semetipsum* (33) e ambas as metáforas parece que as tomou S. Paulo do mesmo ato do lavatório em que estamos. . A da roupa enquanto se despe: *Ponit vestimenta sua* (34) - e a do vaso enquanto se vaza: *Mittit aquam in pelvim* (35). E por que usou S. Paulo destas duas metáforas e destas duas comparações? Porque só com elas podia mostrar a diferença deste ato e deste dia ao ato e ao dia da Encarnação. No dia e ato da Encarnação, fazendo-se Deus homem, Deus vestiu-se da humanidade, porque a uniu a si, e se cobriu com ela; e a humanidade, que era um vaso de barro pequeno e estreito, ficou cheia de Deus, porque Deus a encheu com toda a imensidade de seu ser: *Quia in ipso inhabitat omnis plenitudo divinitatis corporaliter* (36). E, sendo isto o que se fez no dia da Encarnação, tudo isto - quanto à vista dos olhos humanos - se desfez no dia e no ato de hoje. Porque, lançando-se Cristo aos pés dos homens, e tais homens, e fazendo-se servo seu, e servo em ministério tão vil e tão abatido, parece que Deus se despira outra vez da humanidade de que estava vestido, desunindo-se dela, e que a mesma humanidade, que estava cheia de Deus, perdida a união com a divindade, ficara totalmente vazia: *Exinanivit semetipsum, formam servi accipiens* (37). E foi isto assim como parece? Não. Mas, posto que a humanidade de Cristo por este ato não perdeu a união com a divindade, nem deixou de estar tão cheia de Deus como dantes estava, abaixar-se, porém, e pôr-se em estado tão abatido, que o parecesse ou pudesse parecer aos homens, foi uma diferença tão notável e tão estupenda, que só o mesmo S. Paulo a pode ponderar e encarecer. Agora entra o mais profundo pensamento das suas palavras.

Non rapinam arbitratus est esse se aequalem Deo, sed semetipsum exinanivit, formam servi accipiens (Flp 2, 6 s). O fazer-se Cristo servo, sendo Deus - diz S. Paulo - não foi porque cuidasse ou tivesse para si o mesmo Cristo que a sua divindade não era sua, senão alheia, como se a tivesse roubado ao Padre. Pois Cristo podia cuidar nem ter para si que a sua divindade não era sua? Claro está que não podia ter para si uma coisa tão contrária à verdade, nem cuidar o que era tão alheio de todo o pensamento. Por que diz logo o Apóstolo do terceiro céu que, quando Cristo se fez servo, não cuidou nem teve para si que a sua divindade não era sua? Porque foi tal ato o de Cristo se abater aos pés dos homens, que podiam os mesmos homens cuidar que Cristo o cuidara assim. Homem que tanto se abate, ou não é Deus, ou, se foi Deus alguma hora, tem deixado de o ser, ou, se ainda é Deus, deve de cuidar sem dúvida que o não é, porque, sendo Deus, e tendo para si que é Deus, não se podia abater a coisa tão baixa. E como o ato foi alheio de quem o fazia, que os homens podiam entrar em tal pensamento, que, ou cuidassem que Cristo não era Deus, ou cuidassem que o mesmo Cristo cuidou que o não era, por isso pondera e adverte S. Paulo primeiro que tudo que, quando Cristo se abateu à baixeira de servo, não foi porque cuidasse ou tivesse para si que não era Deus: *Non rapinam arbitratus est esse se aequalem Deo, sed semetipsum exinanivit, formam servi accipiens*. É o que também advertiu e ponderou o nosso evangelista, na prefação com que entrou a narrar este mesmo ato. Por isso disse que, quando o Senhor começou a lavar os pés dos discípulos, sabia que era Deus, e que nas mesmas mãos com que lhes lavava os pés, tinha o poder de tudo: *Sciens quia a Deo exivit, et ad Deum vadit, et quia omnia dedit ei Pater in manus, caepit lavare pedes discipulorum* (38). Credo pois S. Pedro firmíssimamente esta verdade - que por isso disse: *Domine, tu mihi* (39) ? que muito é que, sendo aquele grande piloto, que nunca perdeu o tino nas maiores tempestades, e se atreveu a caminhar a pé sobre as mesmas ondas do mar, agora areasse e se afogasse em tão pouca água, como a daquela bacia, e não pudesse tomar pé na profundidade imensa de tão tremendo mistério?

§ V

Que importa que Pedro diga tu mihi, se de si conhece pouco, e de Cristo nada? Se S. Pedro antes desse dia foi capaz de entender perfeitamente o mistério da Encarnação, como agora não estava ainda capacitado para entender o mistério do lavatório dos pés? Por que Deus não é humilde, nem pode ser humilde? A voz dos dois abismos. Cristo na Encarnação fez-se homem, e no lavar os pés aos homens

fez-se não homem. Cristo aos pés de Judas. No Cenáculo de Jerusalém, os dois degraus ou dois estados mais abaixo do não ser.

Sossegou Cristo o assombro e resistência de S. Pedro. Mas como? *Quod ego facio, tu nescis modo, scies autem postea* (Jo 13, 7): Pedro, o que eu agora faço, tu não o sabes nem o entendes, mas sabê-lo-ás depois. - Depois, Senhor? E quando? Quando vires no céu, revestido de sua própria majestade, o mesmo que agora vês meio despido e cingido com este pano servil. - Neste sentido entendem o *scies autem postea*, Santo Agostinho, S. Crisóstomo, Beda, Ruperto, Teofilato, Eutímio. E com razão. Assim como as semelhanças se não podem conhecer senão de perto, assim as distâncias não se podem medir senão de longe. - Que importa que digas *tu mihi*, se de ti conheces pouco, e de mim nada? Quando vires o tudo que sou, então entenderás o muito que faço. Se falas pelo que viste no Tabor, este é o excesso que se havia de cumprir em Jerusalém, de que Moisés e Elias, mais assombrados do que tu, falavam. Agora deixa-te lavar, sob pena de me não veres eternamente, nem chegares a saber o que estás vendo e não sabes: *Quod ego facio, tu nescis modo.*

Assim disse com graves e temerosas palavras o Senhor, e se dissera o mesmo a outro apóstolo, não me admirara tanto, mas a S. Pedro? Isto é o que me admira muito, e muito mais na memória e concurso dos dois dias em que estamos. Perguntou Cristo noutra ocasião aos discípulos, que também estavam juntos: *Quem dicunt homines esse Filium hominis* (Mt 16, 13)? Quem dizem os homens que é o Filho do homem? - Os outros referiram vários ditos, porém S. Pedro respondeu: *Tu es Christus, Filius Dei vivi* (Mt 16, 16): Vós, Senhor, sois Cristo, Filho de Deus vivo. - Ajuntai agora esta resposta de S. Pedro com a pergunta de Cristo, e vereis como o príncipe dos Apóstolos, em tão poucas palavras, compreendeu e resumiu todo o mistério da Encarnação: *Filium hominis: Filius Dei vivi*. No *Filium* e no *Filius* compreendeu as duas gerações, uma eterna e outra temporal; no *hominis* e no *Dei vivi* compreendeu as duas naturezas, divina e humana; e no *tu es*, compreendeu a união hipostática, com que uma indissolúvelmente se uniu à outra. Pois, se S. Pedro antes deste dia, estando na terra, foi capaz de entender e saber tão perfeitamente o mistério da Encarnação, como agora, com muito mais tempo e estudo da escola de Cristo, não estava ainda com suficiente capacidade para entender e penetrar o mistério do lavatório dos pés: *Quod ego facio, tu nescis (40)* ? E se pela confissão do mesmo mistério da Encarnação se deram ao mesmo Pedro as chaves do céu, como se lhe reserva para o céu a ciência do que estava vendo e admirando *Scies autem postea (41)*? Aqui vereis quanto maior profundidade de mistérios e de amor se encerra na ação tremenda de Cristo se prostrar aos pés dos homens, do que no mesmo mistério altíssimo de Deus se fazer homem. A alteza do primeiro com luz do céu pode-a alcançar na terra um pescador: a profundidade deste segundo não a pode sondar em tão pouca água o maior apóstolo. A alteza do mistério da Encarnação revelou-a o Padre, que está no céu, a Pedro estando na terra. *Caro et sanguis non revelavit tibi, sed Pater meus, qui in caelis est (42)*; mas a profundidade do lavatório dos pés não a revelará ao mesmo Pedro o Filho, senão quando o Filho e Pedro ambos estiverem no céu: *Scies autem postea.*

Parece-me que S. Paulo falou com o espírito de S. Pedro, quando disse: *Neque altitudo, neque profundam poterit nos separare a charitate Christi (43)*. Esta caridade de Cristo, conforme dizem os intérpretes, ou se pode entender do amor com que nos amamos a Cristo, ou do amor com que Cristo nos ama a nós, e neste segundo sentido diz S. Paulo que nem a alteza nem o profundo pode fazer que Cristo nos não amasse, porque na alteza da Encarnação, sendo Deus, nos amou fazendo-se homem, e no profundo do lavatório dos pés, sendo já homem, nos amou pondo-se aos pés dos homens. Mas o eloqüentíssimo apóstolo, depois de por o alto, então pos o profundo: *Neque altitudo, neque profundum* - porque mais pondera e mais encarece o amor de Cristo o profundo do lavatório, onde se abateu aos pés dos homens, que o alto da Encarnação, donde desceu a ser homem.

Isto é o que eu sou obrigado a ponderar nesta profundíssima ação; mas, quando Cristo diz a Pedro: *Quod ego facio, tu nescis* - onde Pedro não sabe entender, quem saberá falar? À vista, contudo, da sua ignorância, me atreverei eu a dizer as minhas, mas no concurso e comparação somente de um dia com outro dia. O que todos encarecem no dia da Encarnação é humilhar-se Deus a se fazer homem, mas é certo que este ato não foi de humildade; o lavar Cristo os pés dos homens, sim, é a maior humildade de todas. E por que não foi humildade o fazer-se Deus homem? Porque Deus não é humilde, nem pode ser humilde. Humildade essencialmente é o conhecimento da própria dependência, da própria imperfeição e da própria miséria, e, sendo Deus suma independência, suma perfeição e suma felicidade, nem e nem pode ser humilde. Como dizem logo todos os santos que Deus se humilhou neste grande ato? Porque se humilhou por humilhação, e não por humildade. De el-rei Acab disse Deus ao profeta: *Nonne vidisti humiliatum Achab* (3 Rs 21, 29)? Não viste humilhado a Acab ? - E Acab não era humilde, nem tinha humildade, mas estava naquele caso humilhado não por humildade, senão por humilhação. A este modo - mas por modo diviníssimo e santíssimo - se humilhou também Deus quando se fez homem, porque até então nem era nem podia ser humilde. Porém, no primeiro instante da Encarnação, ou no segundo depois de encarnado - como querem outros teólogos - então começou também a ser humilde, e sumamente humilde, como hoje mostrou mais que nunca. Onde se deve notar que este grande extremo de humildade,

depois da humilhação de se fazer homem, não só foi conseqüência do novo estado, senão obrigação. Porque se Deus, antes de ser humilde, se humilhou tanto que se abateu a ser homem, segue-se que, depois de ser humilde, tinha obrigação de se humilhar muito mais. Obrigado, pois, Deus a se humilhar mais do que se tinha humilhado, que havia de fazer? Só lhe restava o que hoje fez. Ajoelha-se diante dos homens, e lava-lhes os pés com suas próprias mãos, porque, só prostrado aos pés dos homens, se podia humilhar mais do que se tinha humilhado fazendo-se homem.

Esta conseqüência, como forçosa, a que a humilhação do primeiro mistério obrigou e empenhou a Cristo para a humildade do segundo, reconheceu profeticamente Davi, quando disse: *Abyssus abyssum invocat* (Sl 41, 8): que um abismo chama outro abismo. - Abismo já sabeis que é um pego imenso e profundíssimo, como aquele de que fala a Escritura na primeira criação dos elementos: *Et tenebrae erant super faciem abyssi* (44). E que dois abismos foram estes, em que o primeiro chamou pelo segundo? Não dissermos ao princípio que o dia da Encarnação se falava com o dia de hoje: *Dies diei eructat verbum* (45)? Pois, quando estes dois dias se falaram, então chamou o mistério da Encarnação pelo mistério do lavatório dos pés, e estes foram os dois abismos. O primeiro abismo foi a Encarnação do Verbo, porque, fazendo-se Deus homem, se abismou e sumiu de tal sorte a divindade na natureza humana, que desapareceu totalmente, e por isso, estando dentro nela, não aparecia. O segundo abismo foi o lavatório dos pés, porque, tendo-se Cristo sumido na Encarnação, enquanto Deus, lançado depois aos pés dos homens, também se sumiu ali, enquanto homem. O mesmo Cristo o disse: *Ego sum vermis, et non homo; opprobrium hominum, et abjectio plebis* (Sl 21, 7): Eu sou um bichinho da terra, e não sou homem, porque sou o opróbrio dos homens, e o abjeto da plebe. - E quem é esta plebe, e quem é este abjeto? A plebe eram os apóstolos, por natureza, por geração e por ofício plebe, porque eram uns pobres pescadores; e o abjeto desta plebe era Cristo posto a seus pés e lavando-lhos, porque não pode haver ato mais abjeto e vil, e mais inferior à mesma plebe, que ajoelhar-se diante dela e lavar-lhe os pés. A água era somente a de uma bacia, mas o abismo da ação era tão profundo que nele se abismou e sumiu de tal sorte Cristo, ainda enquanto homem, que já não parecia nem aparecia nele sinal do que era, senão uma negação do que tinha sido: *Non homo*: um não homem. Muito mais se desfez logo Cristo sem comparação, e muito mais fez o seu amor no ato do lavatório dos pés que na obra da Encarnação, porque na Encarnação fez-se homem, no lavar os pés aos homens fez-se não homem: *Non homo*.

E se assim se sumiu Cristo lavando os pés a Pedro e aos outros discípulos, que direi eu, ou que posso imaginar, quando o vejo prostrado aos pés de Judas? Aqui se somem também até os entendimentos dos serafins, e emudecem de pasmo as línguas dos anjos. - Se Pedro, Senhor, vos disse assombrado: *Tu mihi*: Vós a mim? - com quanto maior assombro vos podemos nós dizer - *Tu Judae*: Vós a Judas? A Judas, aquele traidor endemoninhado, de quem diz S. João: *Cum diabolus jam misisset in cor ut traderet eum Judas* (46)? A Judas, aquele precito infernal e maior de todos os precitos, do qual vós mesmo dissestes: *Bonum erat ei, si natus non fuisset homo ille* (47)? Não quero outra ponderação que estas vossas mesmas palavras. - Diz Cristo que em Judas era melhor o não ser que o ser, e não se pudera mais encarecer, nem a ínfima miséria de Judas, nem o ínfimo abatimento de Cristo posto a seus pés. Eu bem sei as sutilezas com que a filosofia disputa se em Judas e em qualquer outro condenado fora melhor o não ser que o ser; mas, onde temos uma conclusão absoluta de Cristo, não valem nada as argúcias dos filósofos. Salomão faz três classes de homens: os vivos, os mortos e os que não nasceram; e só na consideração dos males temporais desta vida antepõe os mortos aos vivos, e os que não nasceram a uns e outros. Que diria se fizera a comparação com os males eternos que esperavam a Judas, e com o pecado em que estava obstinado, que é o maior de todos os males? Por todas as razões era melhor em Judas o não ser que o ser. E que se pusesse Cristo aos pés de um homem, cujo ser era pior que o não ser? Do ser, qualquer que seja, ao não ser, há infinita distância; e sendo esta distância infinita, hoje se viram no Cenáculo de Jerusalém dois degraus, ou dois estados mais abaixo do não ser. O primeiro em Judas, que estava mais abaixo do não ser, porque lhe fora melhor não ser que ser; e o segundo em Cristo que, estando Judas mais abaixo do não ser, ele estava aos pés de Judas. Medi agora, começando de Deus, a baixeza em que esta posto o Filho do mesmo Deus, por amor dos homens. Abaixo de Deus, com infinita distância, está todo o criado; abaixo de todo o criado, com distância também infinita, está o não ser; abaixo do não ser está Judas, e abaixo de Judas está Cristo. Tanta diferença vai de Deus no dia da Encarnação feito homem, a Cristo no dia de hoje, posto aos pés de tal homem! Aquele foi o *cum dilexisset*, este é o *in finem dilexit*.

§ VI

O Sacramento do Altar e o mistério da Encarnação. Se Cristo, Senhor nosso, se chamou Jesus, como diz o profeta Isaías que o Filho que nascesse de uma Virgem se havia de chamar Emanuel? No caso em que Adão não pecasse, se havia de encarnar Deus?

Tarde chego, sacramentado Senhor, à comparação desse sacrossanto e diviníssimo mistério com o mistério de vossa Encarnação, também diviníssimo; mas esse mesmo trono de majestade, em que vos vemos e adoramos, ou vos adoramos sem vos ver, nos está publicando os triunfos de vosso amor neste dia, em que por ser o último de vossa visível presença, vos deixastes conosco. Seja esta a primeira prova.

Profetizando Isaías o mistério da Encarnação do Verbo com palavras mais expressas e circunstâncias mais singulares que todos os outros profetas, disse que uma Virgem conceberia e pariria um Filho, o qual se chamaria Emanuel: *Ecce Virgo concipiet, et pariet Filium, et vocabitur nomen ejus Emmanuel* (Is 7, 14). Nesta última palavra repararam muito os pouco versados na frase da Escritura. Cristo, Senhor nosso, não se chamou Emanuel, chamou-se Jesus: como diz logo o profeta que o Filho que nascesse de uma Virgem se havia de chamar Emanuel? Mas este reparo, como digo, é por ignorância da frase hebréia. Na língua hebraica, assim como as coisas se chamam palavras: *verba*, assim o chamar-se significa ser, e isso quer dizer *vocabitur*. Da mesma frase usou o anjo, no mesmo dia e mistério da Encarnação, anunciando à Virgem que o que de suas puríssimas entranhas havia de nascer se chamaria Filho do Altíssimo: *Filius Altissimi vocabitur* (Lc 1, 32) - sendo assim que Cristo, por humildade, não se chamava Filho do Altíssimo, senão: *Filius hominis*: Filho do homem. Mas falaram por esta frase, assim o profeta como o anjo no mesmo caso, porque *vocabitur* quer dizer será. Suposto, pois, que o chamar-se significa ser, e o nome se toma pelo significado, que quis significar o profeta quando disse que o Filho que nasceria de uma Virgem se havia de chamar Emanuel? Emanuel quer dizer: *Nobiscum Deus*: Deus conosco, e isto é o que anunciou e prometeu Isaías nesta famosa profecia, dando por nova aos homens, tão admirável como certa, que aquele mesmo Deus, cuja majestade se conservou sempre tão retirada e longe de nós, sem jamais se abalar nem sair do céu, agora se havia de humanar tanto, que se fizesse homem, e descesse à terra para nela morar e estar conosco: *Nobiscum Deus*.

Disse, sem se abalar jamais nem sair do céu, porque quando se diz nas Escrituras que Deus formou o barro de Adão, e que desceu a impedir a fábrica de Babel, e que apareceu a Moisés na sarça, e lhe deu a lei no Monte Sinai, e outras ações semelhantes, os que obravam visivelmente estas coisas - segundo o mais provável sentir dos doutos - eram anjos que representavam a Deus, e não o mesmo Deus em pessoa. Por isso Deus naquele tempo dizia: *Caelum mihi sedes est* (48). E Davi contava e cantava por grande maravilha que, estando Deus tão alto, se dignasse de olhar cá para baixo e por os olhos na terra: *Quis sicut Dominus Deus noster, qui in altis habitat, et humilia respicit in caelo et in terra* (49)? Porém, como o amor não se contenta de longes, e sofre mal ausências, pode tanto o amor dos homens com Deus que o trouxe do céu à terra, e o fez homem, não tanto para nos remir e salvar - como muitos cuidam - quanto pelo desejo que tinha e pelo gosto que havia de ter de estar conosco: *Nobiscum Deus*.

É celeberrima questão entre os teólogos, no caso em que Adão não pecasse, se havia de encarnar Deus? Santo Tomás e a sua escola dizem que não. Scoto, com a sua, afirma que sim. Distingo e concordo ambas as opiniões. Porque Adão pecou, encarnou Deus em carne passível, porque era mais proporcionado à culpa, e mais conveniente à satisfação o padecer e morrer. Porém, se Adão não pecara, havia de encarnar contudo Deus, mas em carne impassível, porque onde não havia culpa, não era necessária a pena, e fazia-se homem no tal caso, não para satisfação do nosso pecado, senão para satisfação do seu amor. Não é esta distinção minha, senão do mesmo Concílio Niceno: *Qui propter nos homines, et propter nostram salutem incarnatus est*: Encarnou Deus por amor de nós e por amor de nossa saúde. - Onde se vê claramente que o mistério da Encarnação teve dois motivos distintos: um motivo o remédio, e outro motivo o amor, mas o amor primeiro que o remédio. De sorte que, se o remédio não fora necessário, pelo motivo só do amor dos homens havia de encarnar Deus, porque esse foi o primeiro motivo, e o primário: *Qui propter nos homines*. Íeis visitar um amigo, soubestes no caminho que estava ferido, e visitastes-lo como amigo e como ferido, mas com tal pressuposto, que, se não estivera ferido, só por amigo o havíeis de visitar, que este foi o vosso primeiro intento. O mesmo sucedeu no mistério da Encarnação, ao qual Zacarias chamou visita de Deus: *Visitavit nos, oriens ex alto* (50). O primeiro decreto de Deus se fazer homem, antes da previsão do pecado, foi unicamente o amor dos homens, e para morar e estar com eles, como já então dizia: *Deliciae meae esse cum filiis hominum* (51). Aconteceu depois o pecado de Adão, e a ferida mortal do gênero humano, com que ao motivo do amor se ajuntou o motivo do remédio, e Deus, que só nos havia de visitar por amigo, nos visitou também por feridos. *Propter nos homines, et propter nostram salutem* (52). E assim como ao outro amigo na visita que só fazia por amor e por gosto, lhe acresceu a dor e a pena, assim Deus, que havia de vir homem impassível, veio passível. Em suma, que o intento e fim da Encarnação, como dizia, não foi tanto para Deus nos remir e salvar, que foi o segundo motivo, quanto para satisfazer a seu amor e estar conosco, que foi o primeiro; e por isso Isaías, que com tanta expressão de circunstâncias revelou os arcanos da Encarnação do Verbo, podendo dizer que o Filho que havia de nascer da Virgem se chamaria Jesus, que quer dizer Salvador, não disse senão que se chamaria Emanuel, que quer dizer Deus conosco, porque o principal motivo de Deus se fazer homem não foi tanto o remédio de salvar os homens, quanto o amor e desejo de estar com eles: *Nobiscum Deus*.

§ VII

A essência do amor na Encarnação e no Sacramento. Por que não diz S. João que o Verbo se fez homem, senão carne, e por que não disse que habitou conosco, senão em nós? O desejo de Cristo de estar conosco e o desejo de estar em nós. As gramáticas do amor em que o Verbo se fez passivo. O dobrado vínculo de amor de união recíproca nos testamentos de Cristo.

Este foi o motivo mais afetuosos, este o afeto mais fino, esta a fineza mais subida de ponto, com que o amor divino no dia da Encarnação, e logo em seu princípio, mostrou o fim com que trouxera a Deus à terra. Fim desde o primeiro decreto, e de sua própria origem, pura e sinceramente amoroso, sem mistura de outro intento, ou outro afeto, porque o remir foi amor com misericórdia, o estar conosco puro amor. Mas que direi no dia de hoje, encarnado e sacramentado Deus? Por mais que vosso divino amor no dia da Encarnação se mostrasse tão fina e tão puramente amoroso, nem eu posso deixar de dizer, nem ele pode negar que no dia de hoje foi amoroso sobre amoroso, e amor sobre amor. Por que? Porque, se naquele dia encarnastes para estar conosco: *Nobiscum Deus* - neste dia vos sacramentastes, não só para estar conosco, senão também para estar em nós : conosco nesse altar onde vos adoramos, e em nós entrando em nossos peitos, onde vos recebemos. O amor - vede se é maior este - o amor essencialmente é união, e quanto mais une ou procura unir os que se amam, tanto maiores efeitos tem, e tanto maiores afetos mostra de amor. Estar conosco é assistência de fora, estar em nós é presença íntima; estar conosco é estar perto, estar em nós é estar dentro; estar conosco é companhia, estar em nós é identidade: logo, menos fez o amor da Encarnação em estar Cristo conosco, que o amor do Sacramento em estar conosco, e mais em nós.

Admiravelmente uniu estes dois extremos, e distinguiu estes dois amores o mesmo Discípulo amado. Depois de se remontar esta Águia divina com aquele vôo altíssimo, igual à voz ou ao trovão, com que disse: *In principio erat Verbum* (53), cerra as asas, dá consigo em terra, e diz que o mesmo Verbo se fez carne: *Verbum caro factum est* - e sem interpor palavra, acrescenta: *Et habitavit in nobis*: E morou em nós (Jo 1, 14). Evangelista, que no alto e no baixo sempre vos remontais, permiti que vos entendamos. Se falais da união do Verbo com a humanidade, por que não dizeis que se fez homem, senão que se fez carne: *Caro factum est?* E se falais do tempo em que o mesmo Verbo, por isso e para isso humanado, morou e habitou conosco, por que dizeis que habitou em nós: *Habitavit in nobis?* Não fora S. João o mais amado e o mais amante de Cristo, se não acudira por seu amor, e o deixara nas auroras da Encarnação, sem o subir ao zênite do Sacramento. É agudeza de Santo Agostinho, também águia. Não disse que o Verbo se fizera homem, senão carne, porque na carne *ex vi verborum* (54), havia de instituir Cristo o Sacramento de seu Corpo: *Caro mea vere est cibus* (55) - e não disse que habitou conosco, senão em nós, porque se o amor da Encarnação se satisfez de estar conosco: *Nobiscum Deus* - o do Sacramento, mais ansioso, porque mais amor não se satisfez de estar somente conosco, senão também em nós: *Et habitavit in nobis*.

Depois de Deus pela Encarnação se fazer homem, a mesma carne e o mesmo corpo, que tinha tomado, era novo impedimento para estar em nós, porque dois corpos não podem estar no mesmo lugar. Pois, que remédio acharia o amor, para facilitar este impossível tão repugnante ao seu desejo? O remédio foi que a mesma carne, que tinha tomado na Encarnação, se fizesse manjar nosso no Sacramento: *Caro mea vere est cibus*; e deste modo se uniram juntamente ambos os fins de um e outro amor: o de estar conosco, que fora o da Encarnação, e o de estar conosco, e mais em nós, que é o de hoje.

Mas ainda neste estar sobre estar, temos outra fineza sobre fineza, porque não só quis o amor de hoje que Cristo estivesse conosco e estivesse em nós, senão que nós também estivéssemos nele. Este é o segundo efeito do Sacramento, e mais amoroso ainda que o primeiro, em quem o come: *Qui manducat meam carnem, in me manet, et ego in illo* (Jo 6, 57): Quem come a minha carne está em mim, e eu nele. - Não só eu nele por uma união, mas eu nele e ele em mim por união dobrada e modo de estar recíproco. É o que declarou com um discreto solecismo Santo Agostinho: *Si manet, et manetur* (56). Que diria Donato se tal ouvisse? Mas estas são as gramáticas do amor, e mais em dia em que o Verbo se fez passivo. Até os filósofos, para admitirem uma união perfeita, reconhecem duas: uma da parte da forma, e a outra da parte do sujeito; uma da parte unida, e outra da parte a que se une. E esta é a filosofia de Cristo.

Quando Cristo na cruz substituiu em seu lugar a S. João, disse à Mãe Santíssima: *Ecce filius tuus* - e logo ao discípulo amado: *Ecce Mater tua* (57). Parece que tanto dizem neste caso as primeiras palavras como as segundas, porque, se a Senhora era Mãe de João, já ficava entendido que João era filho da Senhora. Porque repete logo Cristo o que tinha já dito, e em tempo que as suas palavras eram tão contadas?

Porque nos dois primeiros legatários da sua última vontade, e recíprocos herdeiros de seu amor, queria que o amor e as correspondências de uma e outra parte fossem também recíprocas. O coração da Senhora e o de S. João eram os dois corações que Cristo mais amava, e mais amavam a Cristo; e como o Senhor na substituição da sua ausência testava neles de seu próprio amor, para que o mesmo amor, como seu, não fosse amor, e grande amor, mas amor recíprocamente unido, com as primeiras palavras uniu o coração da mãe ao novo filho: *Ecce filius tuus* - e com as segundas uniu o coração do filho à nova Mãe: *Ecce Mater tua*.

E se os dois legados particulares da Mãe e do discípulo os estabeleceu o Senhor com dobrado vínculo de amor de união recíproca, como a não dobraria também no testamento comum, em que nos fez herdeiros universais de seu corpo e sangue: *Hic calix novum testamentum est in meo sanguine (58)*? Por isso, na ratificação do mesmo testamento, a recomendação que fez aos discípulos foi esta: *Manete in me, et ego ir vobis* (Jo 15, 4): Estai em mim, e eu em vós. - Tão recíproco quis que fosse este modo de estar. E tanto se empenhou o amor de hoje em vencer o amor da Encarnação, não só com uma, senão com dobrada vitória, e não só da parte de Cristo, senão da sua e mais da nossa. Para vencer o amor de hoje ao da Encarnação, bastava estar Cristo no Sacramento conosco, e mais em nós; mas para que a vitória não fosse como a de Jacó, vencedor com a vitória claudicante, não só quis vencer o estar conosco com o estar em nós, senão com ele estar em nós e nós estarmos nele: *In me manet, et ego in illo*.

§ VIII

Enquanto encarnado, se estava Cristo em uma cidade não estava noutra; enquanto sacramentado, não só está em todas as cidades, senão em tantas partes da mesma cidade em quantas hoje o temos. Cristo conosco no Sacramento e conosco na Encarnação.

E por que não possa dizer o amor da Encarnação, que ficou hoje vencido de diferença a diferença, e não de semelhança a semelhança, deixada à parte da diferença ou vantagem com que Cristo no Sacramento está em nós e nós nele, e tomando separadamente, e por si só, o ato de estar conosco, que foi o primeiro motivo da Encarnação, comparemos de igual a igual o como está Cristo conosco enquanto sacramentado, e o como esteve conosco enquanto somente encarnado, e ver-se-á, com novo e maior triunfo do amor de hoje, quanto vai de estar conosco a estar conosco.

Enquanto encarnado esteve Cristo conosco, mas onde esteve? Ou em Nazaré, ou em Belém, ou em Jerusalém, ou em outras partes, de tal modo, porém, e com tal limitação de lugares, que quando estava em um, faltava nos outros. Quiseram os de além do Jordão deter a Cristo, para que estivesse alguns dias com eles: *Detinebant illum, ne discederet ab eis (59)* - diz S. Lucas. E que lhes respondeu o Senhor? *Quia et aliis civitatibus oportet me evangelizare regnum Dei* (Lc 4, 43): Que se não podia deter mais ali, porque lhe importava ir pregar a outras cidades. - Não admito, Senhor meu, a escusa, antes me parece que desacredita o vosso poder e desabona o vosso amor. Ide pregar a essas cidades, e ficai juntamente com esses homens, que com tanta, devoção o desejam. Não podeis vós estar no mesmo tempo em diversas cidades? - Sim, posso. Mas esses modos de estar, guardo eu para quando estiver no Sacramento. - Enquanto encarnado, se estava Cristo em uma cidade, não estava noutra: enquanto sacramentado, não só está em todas as cidades, senão em tantas partes da mesma cidade em quantas hoje o temos. Correi as igrejas de Lisboa, e primeiro vos cansareis de as visitar do que o Senhor se canse de esperar por vós, porque se pôs e expôs em tantas partes, só para em todas estar convosco. Esta noite vos espera com as portas abertas, e nas outras, em que as portas se fecham, nem por isso ele se vai, porque sempre o detém ali seu amor, solitário e saudoso, na esperança só de que amanhã, para estar com os que tanto ama.

Também encarnado amava, mas com grande diferença de estar a estar. Enfermou e morreu Lázaro, de quem testemunha o Evangelho que era muito amado de Cristo, e disse o mesmo Senhor aos discípulos que morrera Lázaro porque ele não estava ali: *Lazarus mortuus est, ut credatis, quoniam non eram ibi (60)*. E Marta e Maria, ambas com as mesmas palavras, disseram: *Domine, si fuisses hic, frater meus non fuisset mortuus* (Jo 11, 21): Se vós, Senhor, estivéreis aqui, não morrera nosso irmão. - Isto dizia Cristo, e isto diziam a Cristo, quando somente tinha encarnado; mas, depois que se deixou no Sacramento, já nem Cristo pode dizer: *Non eram ibi* - nem nós podemos dizer: *Si fuisses hic* - porque em Betânia e fora de Betânia, na vida e na morte, na saúde e na enfermidade, sempre e em toda a parte o temos, e está conosco. Só em uma parte do mundo não está Cristo conosco. E qual é? Onde nós não estivermos. Morem os homens nas cidades, habitem os desertos, subam aos montes, desçam aos vales, penetrem os bosques, fiam a vida a um madeiro inconstante sobre as ondas, e até ali estará conosco. No mar andavam os discípulos, e bem necessitados da presença de seu divino Mestre, e diz o evangelista que neste caso

estava o Senhor só em terra - *Et ipse solus erat in terra* (Mc 6, 47). Mas tal caso como este já se não pode dar hoje, porque não só na terra, senão também no mar, está e navega conosco Cristo Sacramentado. Noé não sacrificou no tempo do dilúvio, porque estava no mar, e quando desembarcou da arca, então sacrificou. Porém hoje não espera nem sofre aquele amor que os navegantes cheguem à terra: permite que sacrifiquem, e o consagrem sobre as ondas, para também sobre as ondas estar conosco.

Mas que digo eu sobre as ondas, se no meio de mais furiosas tempestades que as do mar, e quando vós, meu Senhor, devêreis fugir dos homens, não pode acabar convosco o vosso amor que deixeis de estar com eles! Encarnado, e pouco depois de encarnado, porque vos perseguiu Herodes, fugistes para o Egito; não admitido em Genezaré, e em Samaria, deixastes samaritanos e genezarenos; e hoje que é o que faz vosso amor em Inglaterra, em Holanda, em Dinamarca, em Suécia, e em tantas outras partes setentrionais, onde nesse mesmo Sacramento sois tão perseguido da perfídia herética, e nem vos crêem, nem vos querem? Assim perseguido não fugis, assim não querido, nem crido, vos deixais estar entre eles, encoberto e escondido, e como homiziado de vosso próprio amor, porque ele vos não consente que haja parte alguma do mundo em que não estejais conosco. Não falo no que pudera dizer das nossas ingratidões, e dos agravos que aquele Senhor Sacramentado padece também entre os católicos, cujos pecados ocultos, e cujas irreverências públicas a nossa mesma fé faz muito mais sensíveis. Mercedoras eram justamente, de que cansada de tanto sofrer sua paciência, dissesse, como já disse: *Eamus hinc* (61); e como deixou outro templo e outro povo, que também se chamava seu, nos deixasse a nós. Mas foi tão firme a resolução com que empenhou a Cristo o amor de hoje a estar conosco sempre que, para nunca se poder apartar de nós - ainda que nós o merecêssemos, e o mesmo Senhor quisesse - encerrando-o nas voluntárias prisões daquele Sacramento, as chaves não as deixou nas suas mãos, senão nas nossas. Na Encarnação, porque tinha na sua mão as chaves, tornou-se para o céu; no Sacramento, como as chaves estão na nossa mão, e temos ao mesmo Senhor debaixo da chave, ainda que ele não quisesse, sempre há de estar conosco.

S. Loureço Justiniano, falando de Cristo Sacramentado, com alusão ao texto de Isaías, disse elegantemente: *Dispar modus, et idem Emmanuel* (62): que assim como na Encarnação foi Emanuel, também é Emanuel no Sacramento, só com diferença no modo. - E qual é a diferença? Muitas, como já disse, mas a principal e maior de todas é que na Encarnação foi Emanuel e Deus conosco, mas com liberdade de nos deixar, antes com pressuposto de o fazer assim, como ele mesmo disse: *Exivi a Patre, et veni in mundum: iterum relinquo mundum, et vado ad Patrem* (63). Porém, no Sacramento é Emanuel e Deus conosco, não só sem liberdade para se apartar de nós, mas com obrigação inviolável, fundada em sua própria promessa, de nunca jamais nos deixar, e estar conosco até o fim do mundo: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem saeculi* (64). Em suma, resumindo tudo a duas palavras: na Encarnação foi Emanuel e Deus conosco em uma só terra: no Sacramento em toda a parte; na Encarnação para poucos: no Sacramento para todos; na Encarnação só para os presentes: no Sacramento para os presentes e para os futuros; na Encarnação por tempo limitado e breve: no Sacramento sem limite de duração, enquanto durar o mundo e houver homens: *usque ad consummationem saeculi*. Logo, não se pode negar, ainda na precisa semelhança de estar conosco, que muito mais fino, muito mais estremado, muito mais amoroso, muito mais amável, muito mais amante, muito mais amigo e muito mais amor se mostrou o de Cristo hoje que no dia da sua Encarnação.

§IX

No dia da Encarnação, tomando Deus a carne da Virgem Santíssima, encarnou em uma só humanidade, hoje, dando-nos Cristo sua própria carne, encarnou em todos os homens, que somos nós, os que a comungamos. O grande mistério com que o Evangelista usou da palavra avulsus est quando Cristo se apartou de seus discípulos, depois da última Ceia. As duas Encarnações, figuradas nos dois sinais que Gedeão pediu a Deus em dois dias diferentes. Onipotência das palavras da Consagração. Cristo, sacerdote segundo a ordem de Melquisedec.

Mas, porque a Encarnação do Verbo Eterno foi um ato tão heroicamente divino, que infinitamente se levantou sobre todas as obras da magnificência de Deus, para que nem por esta parte possa parecer que aquele amor excedeu o deste dia, ouvi como o amor de hoje sujeitou ao seu triunfo a mesma Encarnação, não só quanto aos efeitos que vimos, e outros que deixo mas em sua própria substância. E de que modo foi isto, que parece coisa impossível? Fazendo o mesmo amor que, assim como Deus naquele dia encarnou em uma só humanidade, hoje encarnasse em todos os homens. No dia da Encarnação, tomando Deus a carne da Virgem Santíssima, encarnou em uma só humanidade, que foi a de Cristo, e hoje, dando-nos Cristo sua própria carne no Sacramento, encarnou em todos os homens, que somos nós, os que a comungamos. É pensamento profundíssimo de S. João Crisóstomo, a quem seguiu S. João

Damasceno, S. Pascásio, Ruperto e outros Padres. As palavras do santo, que os autores latinos comumente, ou não referem, ou alegam mutiladas por defeito dos tradutores, tiradas do original grego, em que foram escritas, são estas: - Vamos por partes - *Ex nostra - Deus - generatus est substantia* (65): O Verbo, fazendo-se homem, assim como fora gerado *ab aeterno* da substância de Deus, assim, na Encarnação, foi gerado em tempo da nossa própria substância. *Sed nihil hoc - inquires - ad omnes pertinet*: Mas, dir-me-eis - insta Crisóstomo - que isto pertence somente a Cristo, e não a todos nós: *imo ad omnes*. - Digo, e torno a dizer, que a todos. E por que? *Nam si ad naturam nostram descendit, patet quod ad omnes: quod si ad omnes, et ad unumquemque profecto*: Porque, se Deus tomou a nossa natureza encarnando, segue-se que a mesma Encarnação se estendeu a todos, e, se a todos, também a cada um. - Quando aqui cheguei, descontentou-me a razão e argumento de Crisóstomo, porque, se Deus se unira à natureza humana em comum, então se seguia bem que a mesma união se comunicasse a todos os indivíduos; mas Deus não uniu a si a natureza em comum, a qual não é assuntível, e só tomou e uniu à subsistência divina a humanidade de Cristo, que é singular, e não comum. Explica-se Crisóstomo admiravelmente, passando do mistério da Encarnação ao do Sacramento: *Singulis enim fidelibus per hoc mysterium se commiscet, et quos peperit, non aliis nutriendos tradit, sed ipse studiosissime alit, hac etiam retibi persuadens carnem illam tuam assumpsisse*: É verdade que Deus na Encarnação não tomou a natureza humana em comum, senão uma humanidade particular, mas essa mesma humanidade e essa mesma carne, unida à divindade, fê-la Cristo universal e comum, dando-a no Sacramento a todos os fiéis, e unindo-os realmente consigo; e como ficam unidos, e encarnados com Cristo, a mesma Encarnação do Verbo se estende e multiplica em todos nós. As palavras de Ruperto também são dignas de se não passarem em silêncio: *Assumpserat hominem in Deum, quando Verbum caro factum est ut per eum essemus in illo; sed nec dum illi admiscuerat, se per carnem suam nobis ut singuli, membra in illo, unum essemus corpus* (66). Quer dizer: quando Deus se fez homem, foi para que por meio da carne do Verbo nos unisse a si, e fôssemos a mesma coisa com ele. - Mas isto não se efetuou no ato da Encarnação, em que o corpo de Deus e os nossos eram diversos, mas ficou reservado para a instituição do Sacramento, em que, unindo-se Cristo por meio da sua carne a cada um de nós, todos como membros seus ficamos um só corpo. Baste de autoridades, posto que tais e tão grandes, que elas só bastavam. Vamos às Escrituras e à experiência.

Acabada a Ceia, parte Cristo, Senhor nosso, para o Horto de Getsêmani, e, apartando-se dos discípulos, diz o evangelista S. Lucas: *Et ipse avulsus est ab eis* (Lc 22, 41): que o Senhor se arrancou deles. - Ninguém haverá que não note a singularidade desta palavra. Muitas outras vezes referem os evangelistas que Cristo se apartou de seus discípulos, e em todas dizem simplesmente que se apartara. Pois, se então se apartava, por que agora se arrancou? Porque agora tinha o Senhor acabado de instituir o Santíssimo Sacramento, e os apóstolos tinham acabado de comungar, e como por meio do Sacramento se tinha encarnado Cristo neles, e eles em Cristo, por isso o apartar-se agora já não era apartar-se, era arrancar-se: *avulsus est*. Ouvei ao grande Tertuliano no livro de *Carne Christi: Quid avellitur, nisi quod inhaeret, quod infixum, et innexum est ei, a quo avellitur* (67). E, explicando-se ainda mais: *Cum quid extraneum ita convisceratur et concarnatur, ut cum avellitur rapiat secum aliquid ex corpore, cui avellitur*. De maneira que a palavra *avellitur*, ou *avulsus*, só se diz propriamente de duas coisas diversas, as quais não só estão pegadas e unidas - *infixum, et innexum* - senão entranhadas e encarnadas uma com a outra: *convisceratur, et concarnatur*. E como esta era a primeira comunhão que houve no mundo, usou o evangelista da palavra *avulsus est* com grande mistério, para que a mesma propriedade da palavra mostrasse a eficácia e efeito do Sacramento, pois não se podia apartar senão arrancando-se quem estava entranhado e encarnado nos mesmos de quem se apartava: entranhado, porque tinha entrado em suas entranhas: *convisceretur* - e encarnado, porque se tinha unido com eles por meio de sua própria carne: *concarnatur*. E esta foi a diferença com que, ainda de encarnado a encarnado, venceu o amor e dia de hoje ao amor e dia da Encarnação. No dia da Encarnação, encarnando Cristo em uma só humanidade: no dia de hoje, encarnando em todos os homens.

Dois sinais do céu pediu Gedeão a Deus em dois dias diferentes, com modo bem notável. Pôs um velo de lã no meio de uma eira, e no primeiro dia pediu que o orvalho do céu caísse só no velo, e não na eira, e no segundo que caísse na eira e não no velo, e assim sucedeu. O sinal do primeiro dia é certo que significava o mistério da Encarnação, porque o orvalho era o Verbo que desceu do céu, e o velo de lã era a humanidade, de que o mesmo Verbo se vestiu como Cordeiro de Deus que vinha tirar os pecados do mundo: *Agnus qui tollit peccata mundi* (68). Assim o declararam depois não menos que dois profetas, Isaías e Davi: Isaías pedindo a Encarnação, dizia que orvalho caísse sobre a terra, para que nela nascesse o Salvador: *Rorate, caeli, desuper, et nubes pluant justum, aperiatur terra, et germinet Salvatorem* (69); e Davi, sinalando o modo com que havia de vir, diz que desceria como a chuva ou orvalho sobre um velo de lã, mansamente e sem ruído: *Descendet sicut pluvia in vellus, et sicut stillicidia stillantia super terram* (70); e destes dois profetas o tomou a Igreja, quando canta da mesma Encarnação: *Sicut pluvia in vellus descendisti, ut salvum faceres genus humanum* (71). Pois, se Gedeão no orvalho que havia de cair do céu pedia a Encarnação no primeiro dia. por que tornou a pedir no segundo dia, a mesma Encarnação, e no mesmo orvalho? E se no primeiro dia pediu que caísse sobre o velo, e não sobre a eira, por que no segundo pediu que caísse na eira e não no velo? Porque Gedeão, como

alumiado naquela hora com espírito profético, não só viu uma Encarnação do Filho de Deus, senão duas Encarnações em dois dias diferentes, uma no dia em que propriamente se chama da Encarnação e outra no dia de hoje. A primeira, estreita e contraída, e por isso em um velo: a segunda, estendida e dilatada, e por isso em uma eira; a primeira no velo, onde se sumia o orvalho e se encobriu a divindade: a segunda na eira, em que se recolhe o pão, onde se nos deu no Sacramento; a primeira particular, em que se uniu Cristo a uma só humanidade: a segunda universal, em que se uniu a todos os homens; a primeira, em que encarnou só em si, tomando a nossa carne: a segunda em que encarnou em nós, dando-nos a sua. *Totus in vellere, totus in area*, diz S. Bernardo (72): Todo no velo, e todo na eira - mas no velo todo só para sua Mãe, na eira todo para todos. É o maná, com os tempos trocados. O maná que primeiro chovia do céu nos campos, para que se sustentasse dele o povo, depois esteve encerrado na Arca do Testamento, onde ninguém o comia. Porém cá, trocados os dias, no dia da Encarnação estava encerrado no ventre virginal, que por isso se chama Arca do Testamento, mas no dia de hoje se estendeu e difundiu pelo mundo todo, para que todos o comam e o convertam em si. Enfim, parecido o Sacramento ao mesmo amor com que hoje foi instituído, como diz o Concílio Tridentino: *In quo Salvator divitias divini sui erga homines amoris velut effudit* (73).

Só me podem opor e dizer os doutos que todas as vantagens, ou finezas, em que o amor de hoje parece vencer o amor da encarnação, se hão de referir à mesma Encarnação, e ao amor daquele dia, porque a mesma Encarnação foi o princípio e fundamento de todas, pois, se Cristo não encarnara, também se não pudera consagrar nem deixar no Sacramento. Respondo que não se segue tal coisa. E ouvireis agora o que porventura nunca ouvistes. Scoto, e outros grandes teólogos, dizem que é tal a força e eficácia das palavras da Consagração, que se antes de Cristo encarnar, e antes de Deus criar o mundo, criara um sacerdote somente e uma hóstia, sobre a qual pronunciasse as palavras da Consagração, no mesmo ponto havia de estar naquela hóstia o corpo de Cristo, tão real e inteiramente como está hoje na que temos e adoramos presente (74). Pois, como havia de estar ali o corpo de Cristo, se ainda não era nascido Cristo nem havia tal corpo? Porque assim como a onipotência daquelas palavras tem força para reproduzir o corpo de Cristo no lugar onde não estava, assim teriam também força neste caso para o produzir no tempo em que não era, porque não se requer maior poder para um milagre que para outro. Daqui se entenderá uma nova e excelente propriedade, com que S. Paulo, declarando o sacerdócio de Cristo pelo de Melquisedec, nota que Melquisedec não teve pai, nem mãe, nem genealogia: *Sine patre, sine matre, sine genealogia* (Hebr. 7, 3). - O sacerdócio de Cristo não foi segundo a ordem de Arão, que sacrificava cordeiros e bezerras, senão - como diz Davi - segundo a ordem de Melquisedec, que sacrificava em pão e vinho: *Melchisedech, proferens panem et vinum, erat enim sacerdos Dei altissimi* (75). E por isso mesmo Cristo, sendo juntamente o sacerdote e o sacrifício, consagrou e sacrificou seu corpo e sangue debaixo das mesmas espécies de pão e vinho. Mas Cristo, Senhor nosso, teve Mãe e Pai, e a mais estendida genealogia de quantas se lêem nas Escrituras: *Liber generationis Jesu Christi, filii David, filii Abraham, etc.* (76). Pois, se Cristo teve uma genealogia tão grande e tão declarada, como nota S. Paulo que o seu sacerdócio foi como o de Melquisedec, homem sem pai, nem mãe, nem genealogia? Porque quando Cristo instituiu o Sacrifício e Sacramento, em que se deixou a si mesmo, foi com tanta independência da sua própria Encarnação, como se nunca fora gerado nem nascido. De sorte que se Cristo ainda não encarnara nem nascera, e contudo se dissessem as palavras da Consagração sobre uma hóstia, em qualquer tempo e em qualquer lugar que fosse, ali havia de estar seu corpo infalivelmente. 12; verdade que o corpo e sangue que Cristo consagrou hoje foi o mesmo que na Encarnação tinha tomado, mas consagrou-o por modo tão absoluto e tão independente da mesma Encarnação que, se dantes não houvera encarnado, encarnara então sem mãe nem genealogia, e existira sacramentado. Logo, ainda que o Senhor no dia de hoje nos deu a mesma carne e o mesmo sangue, que tinha recebido no dia da Encarnação, nem por isso a grandeza e suposição daquela obra diminui nada as vantagens desta, porque de tal modo a supôs, como se a não supusera. Encarnado naquele dia sim, com grande amor: *Cum dilexisset suos* (77) - mas Sacramentado hoje com maior amor: *In finem dilexit eos* (78).

§X

Exortação e oração final.

Muito tempo há que devera ter acabado. De um e outro amor recolho um só documento muito breve. E qual é? Que seja tal o nosso amor na vida que o continuemos à vista da morte. Que amou Cristo desde o instante de sua Encarnação? Aos homens: *Cum dilexisset suos*. E hoje, que foi o fim da sua vida, estando com a morte à vista - *Sciens quia venit hora ejus* - que amou? Aos mesmos que tinha amado: *In finem dilexit eos*. - Oh! que diferente viver, oh! que diferente morrer, oh! que diferente amar foi este do que é o nosso! Aqueles a quem a misericórdia de Deus concede morrerem com eleição e com juízo, o que comumente fazem na hora da morte é arrependem-se do que têm amado na vida. Pode haver maior

loucura, pode haver maior cegueira, que amar aquilo mesmo de que sei que ou me hei de arrepender, ou me hei de condenar? - Oh! Senhor, quem vos tivera amado desde o primeiro instante em que vos conheceu, sem nunca empregar ou desperdiçar o coração em outro amor? Se alguém se pudera justamente arrepender do que amou, éreis Vós, pois amastes umas criaturas tão vis, tão ingratas e tão merecedoras de ser aborrecidas, como somos os homens. Mas, pois o vosso amor foi tão fino e tão constante, que, amando-nos com tantos extremos desde o princípio, foram ainda muito maiores os com que nos amastes até o fim, seja hoje, e neste mesmo instante, o fim de todo o amor que não é vosso. Os que imitaram o Pródigo, e as que imitaram a Madalena, em amar o que não deviam, assim como seguiram os passos errados e cegos de seu falso amor, assim se resolvam hoje, e de hoje para sempre, a seguir a luz de seu desengano, a verdade do seu arrependimento, e a firmeza e constância de só a vós amar até a morte. Só a vós, amorosíssimo senhor, só a vós. Só a vós, e não pelos interesses do céu, que vós deixastes por amor de nós; só a vós, e não por temor do inferno, que Judas antes quis que a vós; mas única e puramente por serdes vós quem sois, digno de ser infinita e eternamente amado. Assim propomos de vos amar na vida, assim propomos de vos amar até a morte, para que a vossa graça e o vosso amor nos faça dignos, não dizemos de vos gozar, senão de vos amar por toda a eternidade. Amém.

(1) Sabendo Jesus que saíra de Deus e ia para Deus, como tinha amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim (Jo 13, 1. 3).

(2) Antes do dia da festa da Páscoa (Jo 13, 1).

(3) Sabendo que ele saíra de Deus (Ibid. 3).

(4) Como tinha amado os seus (Ibid. 1).

(5) E ia para Deus (Ibid. 3).

(6) Amou-os até ao fim (Ibid. 3).

(7) Um dia diz uma palavra a outro dia (SI 18, 3).

(8) **August. Serm. 22 de Nativit.**

(9) Um dia diz uma palavra a outro dia, e uma noite mostra sabedoria a outra noite (SI 18, 3).

(10) Quando tudo repousava num profundo silêncio, e a noite estava no meio do seu curso (Sab 18, 14).

(11) E acabada a ceia (Jo 13, 2).

(12) Deu saltos como gigante para correr o caminho (SI 18, 6).

(13) A sua saída é desde uma extremidade do céu (SI 18, 7).

(14) E corre até à outra extremidade dele (SI 18, 7).

(15) Como tinha amado os seus (Jo 13, 1).

(16) Amou-os até ao fim (Jo 13, 1).

(17) Mãe do amor formoso (Eclo 24, 24).

(18) Que por nós homens, e pela nossa salvação, desceu dos céus, e se fez homem, nascendo de Maria Virgem.

(19) E acabada a ceia, começou a lavar os pés aos discípulos (Jo 13, 2. 5).

(20) Entre nós e vós está firmado um grande abismo (Lc 16, 26).

(21) O mais alto dos céus é para o Senhor; mas a terra a deu aos filhos dos homens (SI 114, 16).

- (22) Que de nós homens, e pela nossa salvação, desceu dos céus.
- (23) Quão terrível é este lugar (Gên. 28, 17)!
- (24) Pouco menor o fizeste que os anjos, de glória e de honra o coroaste. E tu o puseste sobre as obras das tuas mãos. Todas as coisas sujeitaste debaixo de seus pés: as ovelhas e as vacas todas, e, além destes, os outros animais do campo, as aves do céu e os peixes do mar (Sl 8, 6, 7 ss).
- (25) Em nenhum lugar tomou aos anjos, mas tomou a descendência de Abraão (Hebr 2, 16).
- (26) E retrocedeu o sol dez linhas pelos graus por onde tinha descido (Is 38, 8).
- (27) Quão terrível é este lugar (Gên 27, 17)!
- (28) Até que venha o desejo dos outeiros eternos (Gên 49, 26).
- (29) O qual, tendo a natureza de Deus, não julgou que fosse nele uma usurpação o ser igual a Deus; mas ele se aniquilou a si mesmo, tomando a natureza de servo, fazendo-se semelhante aos homens, e sendo reconhecido na condição como homem (Flp 2, 6 s).
- (30) Não é o servo maior do que seu senhor. Se eles me perseguiram a mim, também vos hão de perseguir a vós (Jo 15, 20).
- (31) Vós chamais-me Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque o sou (Jo 13, 13).
- (32) Sendo reconhecido na condição como homem (Flp 2, 7).
- (33) Mas ele se aniquilou a si mesmo (Flp 2, 7).
- (34) Depôs suas vestiduras (Jo 13, 4).
- (35) Lançou água numa bacia (Jo 13, 5).
- (36) Porque nele habita toda a plenitude da divindade corporalmente (Col. 2, 9).
- (37) Mas ele se aniquilou a si mesmo, tomando a natureza de servo (Flp 2, 7).
- (38) Sabendo que ele saíra de Deus, e ia para Deus, e que o Pai depositara em suas mãos todas as coisas, começou a lavar os pés aos discípulos (Jo 13, 3. 5).
- (39) Senhor, tu a mim (Jo 13, 6) ?
- (40) O que eu faço, tu não o sabes (Jo 13, 7).
- (41) Mas sabê-lo-ás depois (Jo 13, 7).
- (42) Não foi a carne e o sangue quem to revelou, mas sim meu Pai, que está nos céus (Mt 16, 17)
- (43) Nem a alteza, nem o profundo nos poderá separar da caridade de Cristo (Rom 8, 39. 35).
- (44) E as trevas cobriam a face do abismo (Gên 1, 2).
- (45) Um dia diz uma palavra a outro dia (Sl 18, 3).
- (46) Como já o diabo tinha metido no coração a Judas a determinação de o entregar (Jo 13, 2).
- (47) Melhor fora ao tal homem não haver nascido (Mt 26, 24).

(48) O céu é o meu trono (At 7, 49).

(49) Quem há como o Senhor nosso Deus, que habita nas alturas, e atende às coisas humildes no céu e na terra (Sl 112, 5 s)?

(50) Lá do alto nos visitou este sol no oriente (Lc 1, 78).

(51) Achando as minhas delícias em estar com os filhos dos homens (Prov 8, 31).

(52) Por amor de nós homens, e por amor de nossa saúde.

(53) No princípio era o Verbo (Jo 1,1).

(54) Pela força das palavras.

(55) A minha carne verdadeiramente é comida (Jo 6, 56).

(56) **Aug. Tract. 27 in Joan.**

(57) Eis aí teu filho. Eis aí tua mãe (Jo 19, 26 s).

(58) Este cálix é o novo testamento no meu sangue (Cor 11, 25).

(59) E o detinham, para que se não apartasse deles (Lc 4, 42).

(60) Lázaro é morto - e eu por amor de vós folgo de me não ter achado lá - para que creais (Jo 11, 15).

(61) Vamo-nos daqui: **Haec vox audita est in Templo cum scissum est velum in morte Christi**: Esta voz foi ouvida no Templo quando se rasgou o véu, na morte de Cristo.

(62) **Laur. Just. lib. De Casto Conubio Verb. et Animae, cap. 24.**

(63) Eu saí do Pai, e vim ao mundo; outra vez deixo o mundo, e torno para o Pai (Jo 16, 28).

(64) Estai certos de que eu estou convosco até à consumação dos séculos (Mt 28, 20).

(65) **Sic locum a se restitutum ait Theop. Raimund. in Candel. sect. 3, c. 1.**

(66) **Rup. lib. 2, de offic. c. 11.**

(67) **Tert. de Carne Christi.**

(68) Cordeiro que tira os pecados do mundo (Jo 1, 29).

(69) Destilai, ó céus, la dessas alturas o vosso orvalho, e as nuvens chovam ao justo; abra-se a terra, e brote o

Salvador (Is 45,8).

(70) Descerá como a chuva sobre o velo, e como o orvalho que goteja sobre a terra (Sl 71, 6).

(71) Desceste como a chuva sobre o velo, para salvar o gênero humano.

(72) **Serm. 3. de Annuntiat.**

(73) **Trid. sess. 13, c. 2.**

(74) **Scot. citat. a Theoph. Rainaud. iu Candelab. Et alii, quos, laudat Corn. in Isai. c. 7, v. 14, p. 120,**

eol. 2.

[\(75\)](#) Melquisedec, oferecendo pão e vinho, porque era sacerdote do Deus Altíssimo (Gen. 14, 18).

[\(76\)](#) Livro da geração de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão, etc. (Mt 1, 1).

[\(77\)](#) Como tinha amado os seus (Jo 13, 1).

[\(78\)](#) Amou-os até o fim (ibidem).